

EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO: POR UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA*

Rosilani Balthazar da Silva- Universidade Estadual do Norte Fluminense
Samara Moço de Azevedo- Universidade Estadual do Norte Fluminense
Thaíse dos Santos Soares Siqueira- Universidade Estadual do Norte Fluminense

RESUMO: Este artigo tem como objetivo ressaltar a importância de repensarmos a relação entre linguagem, novas tecnologias e comunicação na educação visando a garantia de uma aprendizagem que seja significativa para os alunos. Portanto, pretendemos destacar alguns fatores que consideramos essenciais quando desejamos uma aprendizagem construída com significado, tal como o uso da linguagem e da comunicação no processo de formação do indivíduo, tendo em vista que as novas tecnologias comunicacionais têm tornado a comunicação mais coletiva, menos hierarquizada e com maior liberdade de expressão. Será levada em consideração também a necessidade de se valorizar a variedade linguística existente no contexto escolar, bem como sua influência na formação do aluno de maneira global.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Linguagem. Comunicação. Novas Tecnologias. Aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem se faz presente na vida das pessoas antes mesmo delas começarem a adentrar no mundo letrado. Após o nascimento, o indivíduo é a todo tempo levado a se expressar e a se comunicar com o outro de alguma maneira. Nessa perspectiva, no contexto educativo não seria diferente. No momento em que o indivíduo passa a ser aluno ele expande ainda mais o seu “espaço comunicativo” o que exige do mesmo uma maior desenvoltura linguística e conseqüentemente a apropriação das diversas formas de linguagem para se fazer entender no mundo.

Dessa forma, vale ressaltar a importância da educação para o processo de aquisição de autonomia linguística e da linguagem como ferramenta impulsionadora para se adquirir uma aprendizagem significativa. Assim, se um indivíduo consegue fazer uso da linguagem de forma adequada, possibilitando a comunicação entre ele e os demais a sua volta, conseqüentemente a aprendizagem será conquistada com maior facilidade.

No contexto contemporâneo global diversas mudanças têm acontecido em um curto espaço de tempo. Entretanto, pode-se observar que apesar de muitas circunstâncias terem avançado, ainda há a sensação de que a escola continua estagnada. Na verdade, aconteceram mudanças, algumas específicas até bastante significativas para a educação, mas ainda assim o modelo educacional vigente deixa a desejar em muitos aspectos.

De acordo com Martín-Barbero (2000, p. 58), “o cidadão de hoje pede ao sistema educativo que o capacite a ter acesso à multiplicidade de escritas, linguagens e discursos nos quais se produzem as decisões que o afetam...”. Portanto, torna-se imprescindível repensar o modelo educacional vigente, pois a escola deve deixar de ser a mantenedora da estabilidade

* XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online - junho/2016 - <http://evidosol.textolivre.org>

social, rompendo com o paradigma excludente e elitista dominante e assumir seu dever de garantir o direito de todos à educação.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho consiste em uma análise reflexiva sobre a utilização da linguagem e das novas tecnologias da comunicação na educação como ferramentas impulsionadoras de uma aprendizagem significativa. Por meio da valorização de uma linguagem mais próxima do aluno que pode ser mediada pelo uso das novas tecnologias comunicacionais, deseja-se que a escola seja capaz de superar a visão puramente conteudista da aprendizagem e oferecer condições suficientes de tornar os alunos verdadeiros sujeitos do conhecimento a partir do reconhecimento de suas origens no contexto escolar.

1 A LINGUAGEM NO COTIDIANO ESCOLAR

Em uma sociedade letrada, a linguagem torna-se cada vez mais necessária e importante para a transmissão e consolidação do conhecimento, de culturas e de pensamentos, uma vez que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1995, p. 286).

Percebe-se então que a linguagem é inerente ao ser humano e como tal é a forma mais eficiente de expressão e comunicação. Entende-se por linguagem, não somente a língua falada, mas também os gestos, as mímicas, ou seja, vários outros meios de comunicação que não precisam ser necessariamente linguístico (SAUSSURE, 2006). Nesse sentido, por mais que a língua seja parte essencial da linguagem, a linguagem não se limita a ela.

Considerando o caráter poderoso e dominante que a linguagem exerce em uma sociedade, uma vez que “ser humano é ser na linguagem” (BAGNO, 2014, p. 11), pode-se dizer que quando um modo de expressão não é reconhecido socialmente, acarreta consequências grandiosas para o falante ao ponto de “podar” sua expressividade, o tornando cada vez menos espontâneo.

Dessa maneira, tendo em vista os estudos da Sociolinguística, onde a língua é apresentada como uma instituição social e como tal não pode ser entendida a parte do seu contexto real de uso, da cultura em que se insere e da história que a precede, torna-se ainda mais inviável a não valorização e a não aceitação das linguagens trazidas pelos alunos para o contexto escolar.

No entanto, verifica-se que a educação ainda encontra dificuldades em se sintonizar com os seus protagonistas da aprendizagem e principalmente em considerar as suas falas. Isso se dá devido ao caráter silenciador e opressor da sociedade, onde a fala que era valorizada pela educação na Grécia e em Roma por meio da oratória, é suprimida pelo currículo como uma tentativa de manter a ordem social. Segundo Gadotti, Freire e Guimarães (2015, p.155),

se a fala foi tirada do currículo é porque falar, numa sociedade silenciosa como é a sociedade opressiva, é um ato de subversão. A educação para a fala, para a formação do orador (no sentido daquele que defende seus direitos), seria um suicídio para a sociedade opressiva.

Com base no que foi dito, percebe-se o caráter dialético e social da educação, onde a linguagem é o meio pelo qual o homem se orienta, se organiza e constitui seu pensamento (BAKHTIN, 2000). Sendo assim, torna-se evidente a relação intrínseca entre educação, aprendizagem e linguagem, cada qual com suas especificidades, entretanto não podendo ser pensadas isoladamente sem levar em consideração a influência de uma sob a outra.

2 A COMUNICAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO

No auge da segunda década do século XXI, vivemos numa sociedade em que a comunicação vem ganhando espaço de forma surpreendente, sobretudo, com advento dos novos meios de comunicação proporcionados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, fato que vem transformando modos tradicionais de expressão e sociabilidade.

Na era da internet os novos canais digitais de comunicação se tornaram o suporte para uma experiência menos hierarquizada, possibilitando uma comunicação coletiva mesmo estando em espaços e tempos geográficos diferentes. Contudo, não podemos esquecer que os meios de comunicação digitais apenas favorecem e facilitam ainda mais as relações entre os homens, pois independente das novas tecnologias, essas relações já existiam e a comunicação sempre esteve presente entre os seres humanos. Sendo assim, a tecnologia apresenta-se como um instrumento que coopera com o desenvolvimento e facilita o processo de comunicação e a liberdade de expressão.

No processo educacional, o principal objetivo da ação comunicativa é o aprendizado. Para alcançar esse objetivo faz-se necessário a participação plena dos sujeitos envolvidos na construção do conhecimento, em termos de aquisições cognitivas, de valores e de autonomia de pensamento. No que diz respeito a essa necessidade educacional inerente ao ser humano, Kenski (2008, p. 651) afirma que,

o processo da comunicação humana com finalidades educacionais transcende o uso de equipamentos e se consolida pela necessidade expressa de interlocução, de trocas comunicativas. Vozes, movimentos e sinais corporais são formas ancestrais de manifestações humanas no sentido da comunicação, visando à aprendizagem do outro ser. Elas sobrevivem e continuam predominantes em nossos repertórios intuitivos de expressão, na tentativa de interlocução, de comunicação significativa.

De acordo com a autora, no processo comunicativo, é importante que seja levado em consideração outros aspectos da comunicação que vão além dos aparatos puramente tecnológicos, pois muito antes do advento da internet as ações comunicativas já se efetivavam por meio de vozes e sinais corporais.

No decorrer do progresso tecnológico, destaca-se o papel da interatividade proporcionado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação que tem causado grande impacto no processo educativo. Como mecanismo de aprendizagem, essa interação com o conhecimento ganha maior proporção e disseminação, deixando de ser uma "exclusividade" da relação professor-aluno, abrangendo outros espaços além do escolar.

Nesse sentido, levando em consideração o sistema educacional vigente, verifica-se a fragilidade das instituições de ensino, em lidar com as mudanças ocorridas na sociedade que consequentemente interferem no contexto escolar, sejam mudanças de caráter social, cultural, econômico ou tecnológico. A esse respeito Sartori (2010, p.46) chama a atenção para a necessidade de se promover uma educação dialógica como princípio básico das relações humanas, sobretudo, nas escolas onde a diversidade se faz ainda mais presente, pois

preocupar-se com ecossistemas comunicativos em espaços educacionais é levar em conta que a escola é espaço complexo de comunicações, no qual o educador deve considerar o entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo - colegas, família, mídia -, para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos. Para tal, é necessário que a escola esteja preparada para enfrentar e dialogar com percepções de mundo diferentes das que enfrentava décadas atrás.

Nesta constatação, fica evidente o quanto se faz necessário uma interação no ambiente escolar que seja capaz de tornar a aprendizagem significativa, motivar os alunos e levá-los a construir seus conhecimentos com mais autonomia e criticidade, pois como aponta Freire (1983, p. 46) “a educação é comunicação, é diálogo na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos que buscam a significação de significados”.

3 A ESCOLA SEM SIGNIFICADO PARA O ALUNO: A APRENDIZAGEM QUE NÃO ACONTECE

Durante muito tempo a escola sempre assumiu várias funções sociais que atribuíram a ela a responsabilidade de ser uma instituição de grande importância para a formação integral dos sujeitos. Desenvolvimento cognitivo, aquisição de conhecimentos curriculares, integração social e profissional e certificação são algumas das inúmeras incumbências atribuídas à escola por parte da sociedade e das famílias.

Dessa forma, devido ao quantitativo de atribuições destinadas a instituição de ensino, o desenvolvimento integral do aluno foi deixado a margem no processo educativo, fato que é constatado se levarmos em conta que por um longo período o professor era o único que participava ativamente do processo de ensino e aprendizagem, pois o aluno era tido apenas como um sujeito receptor de informações do processo educativo. Corroborando com essa afirmativa, Freire (2011), critica a concepção da educação “bancária”, aquela que tem a função de transmitir o conteúdo de forma mecânica e descontextualizada, onde o educador é o sujeito do processo de ensino-aprendizagem e os educandos são meros objetos.

Diferentemente desta aprendizagem mecânica em que o aluno se sente “deslocado” em sala de aula, David Ausubel (1969), passou grande parte dos seus estudos a promover condições favoráveis ao verdadeiro aprendizado propondo a teoria da aprendizagem significativa, uma teoria cognitivista e construtivista sobre o processo de aquisição do conhecimento.

De acordo com Ausubel (1969), a aprendizagem significativa propõe que os conhecimentos prévios dos alunos sejam considerados e valorizados pela escola como meio de promover a relação dos conhecimentos a serem compreendidos com aqueles conhecimentos já consolidados. Só assim é possível receber essa nova aprendizagem fazendo com que ela ganhe sentido e se torne familiar ao aluno. Portanto, “a Aprendizagem Significativa, por definição, envolve a aquisição de novos significados que, por sua vez, se tornam os produtos finais da Aprendizagem Significativa” (AUSUBEL, 2003, p.72).

Nesse sentido, quando o conteúdo curricular não consegue interagir com os conceitos já existentes na estrutura cognitiva, ocorre a aprendizagem mecânica, prevalecendo a decoreba dos conteúdos que facilmente serão esquecidos após a avaliação, pois tudo o que é retido por mera justaposição, substituição ou memorização poderá desaparecer facilmente e não se integrar na estrutura cognitiva, interferindo diretamente no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem dos sujeitos de maneira negativa (ELKIND, 1982).

É importante levar em consideração também a função da linguagem no processo de aprender significativamente. Muito mais que a descrição mecânica de conceitos e elementos gramaticais, a linguagem constitui um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da competência comunicativa. Segundo Ausubel (2003, p. 05),

a linguagem é um importante facilitador da aprendizagem significativa por recepção e pela descoberta. Aumentando-se a manipulação de conceitos e de proposições, através das propriedades representacionais das palavras, e aperfeiçoando compreensões subverbiais emergentes na aprendizagem por recepção e pela descoberta significativas, clarificam-se tais significados e

tornam-se mais precisos e transferíveis [...] Sem a linguagem, é provável que a aprendizagem significativa fosse muito rudimentar (ex.: tal como nos animais).

A aprendizagem significativa requer que os alunos estejam motivados e interessados em aprender de modo que o conhecimento se torne relevante à sua estrutura cognitiva. Deste modo, a interação professor-aluno e a utilização das novas tecnologias da comunicação nesse processo assumem grande importância na construção do conhecimento e ultrapassa os limites profissionais, pois envolvem sentimentos e emoções que marcam a vida de ambos, como destaca Freire (2011, p.96),

o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Nesse sentido, fica a inquietação: como potencializar a aprendizagem significativa na escola? Não se trata de existir uma única maneira de ensinar que seja favorável ao aprendizado, não há “receita de bolo”. Portanto, é indispensável que os professores utilizem metodologias de ensino variadas, flexíveis e inovadoras, materiais didáticos potencialmente significativos para tentar promover a motivação, favorecendo a autonomia e possibilitando que os alunos tornem sujeitos da sua aprendizagem. Além disso, é preciso levar em consideração também a contribuição das novas tecnologias da informação e comunicação, pois viabilizam a comunicação de modo mais dinâmico e participativo cooperando para o processo de envolvimento dos alunos, levando-os a encontrar sentido na escola e a construir o conhecimento de maneira mais significativa, com respeito à pluralidade de ideias, culturas e linguagens que se entrecruzam na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas a sociedade tem avançado em muitos aspectos. No entanto, pode-se observar que a educação de um modo geral ainda encontra dificuldades em lidar com situações corriqueiras como é o caso das linguagens e das novas tecnologias da informação e comunicação presentes no ambiente escolar, sendo trabalhadas de maneira isoladas e fragmentadas como se ambas estivessem dissociadas do seu contexto de uso.

Nesse sentido, se levarmos em consideração que a língua está em nós e é parte do ambiente social em que circulamos, não há como separar linguagem e contexto, ou seja, quem fala de onde se fala (BAGNO, 2014). Assim, torna-se evidente a fragilidade da fragmentação no contexto escolar, que como defendido por Morin (2003), impede a capacidade de contextualização, prejudicando a ligação das partes com o todo e do todo com as partes. O autor defende o ato de contextualizar as questões apresentadas na escola com a realidade como um facilitador do processo de aquisição da aprendizagem.

Ressalta-se que a escola é o local onde a pluralidade ganha espaço e visibilidade e por esse motivo é indispensável refletir sobre as questões conflituosas que nela surge, pois a educação é dialética, tudo encontra-se interligado; fato que impossibilita pensar educação sem considerar a comunicação, a linguagem, a aprendizagem, a tecnologia, a cultura, o contexto, dentre outros fatores que dela faz parte.

O objetivo desse trabalho foi destacar a importância da linguagem como o meio mais eficiente de comunicação, que é a base do processo educativo, sendo indispensável para a

aquisição da aprendizagem significativa. Tendo em vista que a língua é mutável e sofre influências de fatores externos, foi considerado também a interferência das novas tecnologias nos modos de falar e de se comunicar no processo de ensino-aprendizagem, pois torna a comunicação mais veloz e a fala altamente influenciável como é o caso, por exemplo, da expressão *hashtag* e dos *emotions* fortemente utilizados por nós nas redes sociais, e muitas vezes são ignorados pela escola.

Deste modo, a fim de se promover uma aprendizagem significativa para todos os alunos faz-se necessário considerar a variedade/diversidade linguística e sociocultural presente no contexto escolar. Percebe-se, diante das várias mudanças ocorridas na sociedade, que a escola encontra-se despreparada para lidar com tais transformações, sobretudo, no que tange a alcançar o aluno em suas particularidades.

Sendo assim, não podemos deixar de considerar outras variáveis fundamentais para o alcance deste objetivo, pois mesmo que tenhamos instituições de ensino bem estruturadas com a participação da família, acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação, metodologias diversificadas, formação continuada dos seus profissionais e um currículo que visa atender a diversidade em suas práticas, se não contarmos com profissionais engajados em prol de uma educação que seja de fato significativa para o aluno, toda e qualquer tentativa de mudança poderá ser em vão, sobretudo, quando as políticas públicas não demonstram comprometimento com as causas educacionais.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. 1. ed., Lisboa-PT, Plátano Edições Técnicas, 2003. 219p.

AUSUBEL_____, D.P.; ROBINSON, F.G. *School learning: an introduction to educational psychology*. Rinehart & Winston Inc. New York, 1969.

BAGNO, M. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pontos nos ii*. São Paulo: Parábola, 2014.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

ELKIND, D. *Crianças e Adolescentes*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rocista Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez, 2015.

KENSKI, V. M. *Educação e Comunicação: Interconexões e convergências*. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, Nº 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br/>

MARTÍN-BARBERO, J. *Desafios culturais da comunicação à educação*. São Paulo: Comunicação & Educação, Vol. 6, Nº 18, mai/ago, 2000.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SARTORI, A. S. *Educação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída*. Comunicação Mídia e Consumo, São Paulo. Vol. 7. N. 19, P. 33-48, jul. 2010.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.